

# RENA SCENGA

FOLHA LITTERARIA

ASSIGNATURAS

PROVINCIAIS

Por tres meses. . . 2\$000  
Por seis . . . 3\$500

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

REDACTORES

Toixeira Duarte, Avellar Andrade, Athanasio de Almeida,  
Vieira da Silva e Alfredo Neves.

ASSIGNATURAS

CORTE

Por tres meses. . . 1\$500  
Por seis . . . 2\$500

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1878

NUM. 5

## Expediente

De novo rogamos aos nossos assignantes o especial favor de remetter-nos a importancia de suas assignaturas pelo correio.

Os originaes enviados a redacção não serão devolvidos.

## RENASCENÇA

Rio, 15 de Outubro de 1878.

Importantes são as phases que a historia nos apresenta da vida dos povos, da estabilidade da monarchia e da existencia do throno.

Essas phases dividem-se, não obstante o genio do homem e o caracter dos povos.

Umaz accendem no coração humano a verdadeira luz da grandeza, arrebatam e fazem pullular nas veias o sangue entusiastico e nobre que fita novos e brilhantes futuros.

Outras, porém, aterram, demonstram por si a marcha lenta da degradação, causam horror a quem as estuda com a devida attenção e parecem querer submergir no nada a humanidade inteira.

São essas a causa das grandes revoluções, o o effeito de duas cousas enormes: a ignorancia e a ambição do homem.

## FOLHETIM

Em frente à janella do meu modesto aposento, tendo, deante de mim, sobre uma mesa, diversas tiras de papel em branco espalhadas, de penna em punho, preparava-me para escrever o folhetim da *Renascença*, tarefa gracijsa que alguns amigos me haviam incumbido.

Ea folhetinista!

Se bem me ricordo só escrevi um folhetim em minha vida. Foi n'um jornal academico. E que folhetim!...

E agora este.

Aqui muito baixinho, em segredo, á puridade, isto de escrever no roda-pé de um jornal não é das cousas mais agradaveis. Um folhetinista é sempre... um folhetinista e nada mais.

A ignorancia, porque não deixa ver o presente nem prescurtar ou fazer hypotheses sobre o futuro. Ella tem sido e será sempre apeia na marcha dos povos para o consorcio sublime da educação com a instrucção e da razão com os factos.

A ambição do homem porque é uma paixão e a paixão cega, não deixa-se ver o precipicio em que se lança aquelle que é presa dessa paixão levando nessa cegueira os destinos de um povo.

Isto demonstra-o a historia e o tempo. A historia, porque é o echo do passado com toda a sua sonoridade, e o tempo — porque vò e na sua carreira sobraçado com a intelligencia humana, vae derreando as cortinas dos templos da ignorancia.

Assim, dous grandes seculos se nos apresentam em que a razão triumphou; dous seculos de luzes. Em ambos havia os altares da ignorancia, em ambos reinara o despoismo. Um é o seculo de Luiz XIV, o outro, aquelle que espirava deixando tintos de sangue azul os degrãos da guilhotina o seculo de Luiz XVI.

No primeiro vemos Luiz XIV, n'outro e Mazarino, soberanamente declarar que reinaria sem primeiro ministerio; elle era o senhor absoluto!

O povo com os olhos vendados e cabisbaixo, obdeceu ao «l'état c'est moi» Nesse reinado grandes vultos intelligentes e habeis appareceram.

Mas fechemos o parenthesis.

Tinha deante de mim todos es materiaes necessarios para escrever este folhetim.

la dar começo ao meu trabalho; mas, oh! fatalidade! desiro destrahidamente os olhos das tiras de papel e fli-os no espaço.

A tarde calha.

Nuvens brancas, esfumagadas, semelhantes a um transparente véo de filô, coroadas o alto cimo da poetica Tijuca.

O sol afundara-se por trás dos montes como que abraçando o horizonte.

Era a magica hora da rapida transição em que ao dia succede a noite, hora de luz e de sombra, de saudade e de amor, de melancolia e de encanto, de perfumes e de brisas.

Accommettido, de subito, por uma destas tristezas vagas, desconhecidas e indefiniveis, que

Colbert foi chamado para o ministerio; grandes operações teve de fazer para rehabilitar os cofres publicos exhauridos pelo sorvedouro enorme que conduzia ao immenso ventre da monarchia, e muitos milhões, por suas habilidades e calculos, entraram para os cofres.

Preparava a França para tudo e tudo quanto fizera coube a Louvois desfructuar.

Luiz XIV era muito visado e sumamente despotico; era rei e esquecia-se de que era mortal; quera para os seus o throno da França; mas com toda a sua altivez de caracter e com todo seu despotismo não deixou de proteger as lettras quer na França, quer no estrangeiro. Protegendo-as, elle assegurou-se no throno porque tinha a vontade do povo em suas mãos, e deu luz a seu seculo e força á França. Porém a protecção que elle dera ás lettras não o pode livrar do julgamento da posteridade.

A historia louva-o pelos actos generosos que praticou e condemna-o pelos revoltantes.

No seculo da revolução franceza já a represa, que o despotismo collocara diante da liberdade e da vontade do povo, teve de ceder. Antes, tudo era escravo de uma má vontade, e nesse seculo todo o mundo teve de aclamar os direitos do homem.

A revolução franceza foi a espada de Alexandre que cortara o nó gordio da

nos invadem, ás vezes, a alma, sem um motivo, ao menos apparentemente real, deixei cahir a penna mensivelmente da mão, esqueci-me do folhetim, e, extasiado e impellido por uma força occulta, peiz-me a contemplar esse maravilhoso espectáculo, sempre novo e sempre attrahente!

As trevas, trevas espessas já envolvão a terra e eu, olhos pregados no horizonte, emburecido, parecia ainda ver o espaço ornado de purpurinas axas!

E' que o meu espirito, por um desses loucos caprichos de uma imaginação tresvairado, vagava, como que arrelatado ao seio de transparente nuvem, longe, bem longe da terra pelas regiões irreaes da fantasia!

Grossos pingos d'agua, cahindo em meu semblante humidos e frios, despertarão em mim o sentimento da realidade.

cadeia que escravizava o homem moral e físicamente, foi o lume que acendéra a lanterna do progresso, foi o horizonte da liberdade esclarecido pelos raios do sol da civilização que trazia em suas mãos as taboas da lei da constituição do mundo. A revolução franceza é uma das phases, que a historia nos apresenta, dos povos, que arrebatam e enebriam o coração patriota, é a phase mais sublime da historia da França.

## NOTICIARIO

O nosso amigo Rodrigo M. dos Santos Junior, a quem devemos a idéa da fundação da «Renascença», deixou de fazer parte da sua redacção.

Fizemos, porém, para reparar tão sensível perda, aquisição do nosso collega e prestimoso amigo Alfredo A. Neves. Não havendo distincção entre os dous talentosos mancebos, temos certeza que este substituirá a aquelle como é merecedor.

Havemos recebido os seguintes jornaes: *Desouro, Diaris de Campos, Actualidade, Baependiano, Mosaico-Ouro-prelano, Domingo, Phacelabano, Proeminiano, Violeta, Arauto de Minas, Progresso, Moedade, Povo, Labaro, Diário de Mogy-mirim, Infancia, Papagaio, Meteor, Echo Liberal e Reflector*. Agradecemos.

Com inestimável prazer recebemos a «Violeta», folha litteraria, redigida pela Exma. Sra. D. Julieta M. Monteiro. Aos nossos benevolos e patrióticos leitores recommendamos esse perfumado ramalhete litterario. E' uma pagina conqui-

tada pela sua distincta e intelligente redactora, palma que deve encher de jubilo todos os corações patrióticos, mormente ao bello sexo por ser tão distinctamente representado nas lides da imprensa.

## LITTERATURA

### A LYRA

Elle ama a solidão, ama o silencio,  
Ama o prado florido, a selva muirosa  
E da rubi e carpir.  
Elle ama a viração da tarde amena,  
O susurro das aguas, os accents  
De profundo sentir.

G. O.

De todos os instrumentos musicos, o mais mimoso a meus olhos, o mais suave a meus ouvidos — é a Lyra.

Os bardos e os cantores do Helicon nella doilharão as suas estrophes queridas: foi ao som da Lyra que Virgilio cantou Enéas, o herde da famosa Troya, seu genio expandia-se nos cláres divinos das poesia; elle celebrou em versos numerosos as bellezas da vida agricola: era esse instrumento magico que fazia as delicias de sua vida, nos salões esplendidos dos reis.

O grande poeta ingloz Milton, o cantor do Paraizo, extrahio accordes bem sympathicos da sua Lyra; e, da Lyra de Homero, o genio inamorreaburo da antiga Grecia, o cysne que deslisava graciosamente no lago azul da poesia, o épico maravilhoso do universo; ainda escuto resonar em meus ouvidos aquellas ondas sonoras que atravessaram até nós o decurso de tantos seculos!

Era no silencio, na paz, no ormo, nos recintos solitarios, que se faziam vibrar as doces cordas desse instrumento sagrado: a gruta malancolico de Macáo

estremecou ao som da Lyra do Vate Luizitano; como que electrizada daquella ignição sublime que ardia no craneo de Luiz de Camões, esse poeta-guerreiro que tanto se distinguia pelas armas nas conquistas do Oriente.

O novo mundo, esse mundo grandioso como os pinar os azulados de nossas patrias montanhas, pôde se dizer que é já hoje o amoroso regaço da poesia.

Creado para as grandezas, no meio da orchestra universal de tantos povos diversos, elle começa a estrear nas cordas de uma Lyra.

Gonçalves Dias é o primeiro de todos; elle apparece no procenio com sua Lyra cravejada de porolas e diamantes com esse dom precioso que lhe ligaram as Musas no Novo Continente.

Após o memoravel maranhonense, em renques destacados, surgem diversos outros: cada qual com sua Lyra abençoada e fazem um concerto tão mirifico que a lingua humana não exprime: é um tumultuar de vozes grandes e peregrinas, como as vozes colossaes de nossas ricas florestas.

Concerto tanto mais espantoso, quanto repercuta nos mais longinquos lugares onde ferve o Maclstron e onde referve o Vesuvio.

Todos applaudem inanimos os accordes de tantas Lyras sonoras e parecem exultar de tanta symphonía: a platêa arquejante não cessa de reclamar a presença de taes cantores, que erão as glorias unicas de nossa terra.

Elas não apparecem mais, porque a mão da morte arrojou sob os sepulchros suas grimaldas brilhantes; porque pendurou suas Lyras no cyprestal que borda os comiterios: ellas não erão deste mundo e contudo a sua vida na terra não era mais que uma peregrinação constante.

Era já noite.  
Chovia.

Erão as lagrimas do réo que talvez lamentassem a illusão do pebro saudade!

Este despertar, como todo despertar de uma illusão alma e doce, foi doloroso.

Olho em torno de mim: as tiras de papel estão ainda intactas, no mesmo lugar.

Tomo da penna.

Tento escrever... embalde!

Chamo em meu auxilio a musa dos folhetins.

A musa do folhetim me havia abandonado.

A musa do folhetim, como toda virgem bella e altiva que tem consciencia do seu poder, da força magica dos seus acantos e attractivos, é vaidosa, ciosa e vingativa.

Não tolera, nem a mais leve sombra de uma preferencia, embora innocente e inconsciente.

Eu a havia esquecido um momento para contemplar o crepusculo vespertino. Era réo. E ella, juiz soberano, vingava-se soberba do despretençioso escriptor, que a invocava humildemente, repudiando-o sem dó e compaixão.

A quem pois pedir inspirações?

A noite?

Mas a noite é triste.

Ha no seu silencio funebre, na sua escuridão profunda, no seu recolhimento augusto, um não sei o que de solenne e triste que aberra, um não sei o que de semelhança com os espiritos soffredores e pungidos por uma acerba e grande dor.

A noite é a companheira dos infelizes.

E' a ella que elles — os miseros, confiam os pungentes segredos do coração, os gemidos concentrados d'alma, os suspiros suffocados — ochus surdos e dolorosos do peito.

Só ella os ouve e os comprehende. Só ella com elles chora.

A noite é o refrigerio dos que padecem. Ella só nos inspira pranto e tristeza.

Para que fallar em pranto e tristeza?

Não basta o pranto e a tristeza que a peste tem derramado no seio das familias fluminenses, transformando esta bella cidade em vasta necropole?

Nem toda corre suavemente a medida dos nossos desejos.

Destinam-nos soullanto com flores e esperanças e despertamos com o desespero a alma.

O mundo é ossina.

Tentei fazer um folhetim e apenas consegui traçar palavras desconexas e vãs de sentido.

Mereço indulgencia.

A musa do folhetim, que apesar de fada, reúne em si não só os encantos mas ainda os pequenos senões do seu sello, abandonou-me.

O que fazer sem ella?

Agora o que me resta é prostrar-me, respeitoso e contrito, antes dos seus altares, queimar em sua honra perfumosos incensos para abrandar-lhe as celestias iras.

As mulheres são sensiveis, delicadas e generosas. Ella se enternecerá e volverá um olhar terno e meigo ao mais fervoroso e humilde dos seus adoradores.

Isto me consola e anima.

A. O.

Deos arrebanhou seus filhos cantando hymnos de gloria, jubitando enfim as alturas.

Eles entraram gloriosos nos porticos da eternidade: lá vivem e reinão perpetuamente cantando em Lyras estrondosas as grandezas de Jehovah.

Surgja agora a mocidade do seio de sua modestia; appareçam novos cantores ou antes novos genios.

Venham tambem tentear as certas interessantes desta Lyra que agora preliada, e tão promettidora d'enleves, como o poplar de mil canoras avesinha, que saudassem a um tempo o romper de um bello dia.

Travo-se um côro perenne de caprichosas harmonias, canto-se a Liberdade, a immortalidade da alma, si vos aprouver o Amor o quanto ha de grande, como esse fôco luminoso que enche de luz diaphana os espaços de nossa terra.

Não se rejôito jámais a mesma coroa dos espinhos, porque della rebeitarão flores da mais elegante belleza, para infamia vossa e satisfação daquello que vos escreve estas linhas.

S. C.

## PARTE SCIENTIFICA

### A RENASCENÇA. OS INVENTORES

(Continuação)

Homem do povo, como a maior parte dos genios, filho de um cardador, Christovão Colombo conheceu a humidade do escravo, nem a vaidade do rico.

Povo! Oceano sem fundo e sem limites, fonte inesgotavel, matriz augusta das idéas, examina em tuas profundezas a lei da criação eterna!

As aristocracias extinguem-se; as oligarchias corrompem-se; os reis morrem exilidos e sua raça degenera-se; as monarchias cabem umas sobre outras, as instituições abatem-se e as leis mudam-se como as ondas fluctuantes; o que nos parecia immortal é na verdade pericivel.

Ah! quantas vezes o pharol do nossas esperanças muda-se em cachopo! Mas tu, oh! povo, possues para sempre a vida mysteriosa.

Muitas vezes falloí da tua indiferença e accusei o teu torpor.

« Dormes, disse eu, e teos amigos morrem por tua causa! »

E, tu, me respondestes:

« Dormi durante mil annos o pesado somno da idade media; e, eis, no seculo XVI, encontrei Christovão Colombo, Bernardo Palissy, Rabelais, Cervantes, Miguel Angelo e Shakespear. »

Em 3 de Agosto de 1492 Christovão Colombo subia a — *Santa Maria*, — M. Pinzon a — *Pinta* — e seu irmão Vincente a — *Nina*.

Soprava o vento favoravel, os céos estavam inundados de luz, os corações feridos do temor e ao mesmo tempo de esperança.

Reunidos na praia os homens e as mulheres choravam.

« Adeos, diziam elles, adeos, não nos veremos mais. »

Ninguém tinha mais esperança que voltassem porque partiram, cortando mares desconhecidos.

As caravellas desapparecendo no horizonte, pareciam dissipar-se para sempre no seio do invisivel.

Nessas occasiões o espirito humano reúne todas as forças e fabre as azas em toda a sua extensão para atravessar a immensidade.

Christovão Colombo na verdade pertence a dois mundos: eleva-se na idade media por sua fé viva, ardente e entusiastica, pelo lado mystico e maravilhoso; e, no seculo XVI, pelo saber, genio mathematico e audacia medida de seus talentos.

No limite dos dois universos, ao passo que seo navio avança no espaço e na luz, a idade media apaga-se, dissipando-se na noite do passado.

Não é para elle, nem tão pouco para a sua patria que vai descobrir um mundo; é para a humanidade.

Parece-me que sua caravella é espedida pelo genio dos povos e que a *alma* do universo sopra em suas velas.

Sem hesitar, segue elle tranquillamente o caminho mysterioso.

Nenhum homem foi mais visivelmente inspirado e propheta que Christovão Colombo.

Nenhum fez tão clara ideia do infinito, porque finalmente descobrio!

E, enlevado por essa descoberta, escreveo: « Realizei o que as forças humanas até aqui não poderam alcançar, porque se alguns autores escreveram ou fallaram destas ilhas, fizeram-no por conjectura ou por meio de fabulas.

Ninguém até aqui ponde dizer: — *Eux as vi*.

Ao ouvir fallar dessa descoberta, Pedro Marthyr d'Anghieria exclamou: « *Beati sentio spiritus meos* »

A Europa inteira parecia alegrar-se como uma noiva, quando se lhe conduz o esposo.

E elle, Colombo, autor dessa immensa e santa alegria, ia, pouco tempo depois, perecer na miseria.

Cercado de sombra e com o coração magoado escreveo ao rei Fernando: — Entrei para o serviço de V. Magestade ha vinte e oito annos; presentemente,

tenho os cabellos brancos e o corpo enfermo. Já não tenho um — *maravedi* (\*) para fazer uma offerta espiritual. Que chore, pois, sobre mim aquelle que conheceu a claridade, a verdade e a justiça. »

Depois destas lamentações expirou em Valladolid, em um leito indigente.

Assim terminou esse homem que tinha promettido e dado imperios á Hespanha.

E' o destino d'aquelles que procuram, percorrendo terras desconhecidas.

Desprezados, ultrajados, calumniados, fugitivos, pobres, morrem, deixando por herança ao velho mundo, um outro por elle desconhecido.

Christovão Colombo symbolisa os martyres da ideia.

O — *pobre* — de Valladolid é immenso como o Caucaso e como o Calvariô.

(Traducção)

AYELLAR ANDRADE.

## POESIAS

### MINHA ESTRELLA

Findarão-se as minhas dores,  
O' graças, graças, meu Deus!  
Já surgio lá no horizonte  
A estrella dos sonhos meus.

Como scintilla brilhante!..  
Como esparge bella luz!...  
Como me aponta a vereda  
Que a ventura só conduz.

Não mais nas veigas celestes,  
Oh! deixas de fulgarar.  
Já não podia... era tempo  
De minha cruz repousar.

Brilha estrella... Só tu podes,  
Com a luz do santo amor,  
Dissipar veloz, risonha,  
As nevoas de minha dôr.

Brilha estrella... Quero sempre  
Ver na terra o teu fulgir:  
— Elle é a crença, a esperança,  
A seiva do meu porvir.

Findarão-se as minhas dores,  
O' graças, graças, meu Deus!  
Já surgio lá no horizonte  
A estrella dos sonhos meus.

O.

(\*) Moeda de cobre hespanhola.



## RECORDAÇÃO

Eu era bem pequeno, inda me lembro,  
Do dia, onde, a luz, eu vi primeiro,  
O espaço da campina verdejante  
Descalço percorria prazenteiro.

Os cuidados da vida inda não tendo,  
Todo o tempo, brincando, então, passava.  
E de caça afastado o dia inteiro  
Aos passaros mil laços eu armava.

A tarde, quando a casa recolhia,  
Com appetite á mesa meff assentava.  
Sem «castellos» formar para dormir  
A noitinha a cama eu procurava.

Que noites felizes então passava!  
E logo ao despontar do novo dia,  
Qual ave desprezando o ninho seu,  
Da cama pressuroso, então, fugia.

Pequena alteração, enfim, fazendo,  
Da vespera os ardis eu repetia:  
E assim esquecido o meu futuro,  
Bem perto de meus paes, feliz vivia!

Rio, 1878.

*Vieira da Silva.*

## ELEGIA

Outr'ora adorava do mundo as florestas,  
Das matas funestas o triste cantor,  
Dos borques sombrios a flôr dos encantos  
Regada co'os prantos da noite na dôr.

E os prantos que a noite deitava-lhe ou-  
tr'ora,  
Os prantos, que agora mais tristes não são  
E os prantos alegres da aurora formosa,  
Que as folhas da rosa lançavam no chão.

Amava dos bosque as relvas sombrias,  
As flôres tardias do lar boninal,  
E as vagas infaustas n'areia rolando  
No centro formando seu leito brumal.

Amava as estrelas das noites sorenas,  
As luzes amenas do leito lunar;  
E a lua que os raios os mais delirantes,  
Os deita brilhantes dos homens no lar.

Outr'ora adorava dos bosques as flôres,  
Dos meiros cantores alegres trinar;  
E só detestava do môcho ageureiro  
Da cruz pousadoiro dos mortos no lar;

Os pios funereos, de noite assombrada,  
Na triste morada dos mortos em paz,  
Que triste descansam nas tumbas arden-  
tes  
Dos feitos ingentes da morte voraz.

Porém hoje adoro também a donzella,  
Que é ainda mais bella que o mimo da flôr,  
E flos doiradas das loiras madeixas  
Nas bellas endechas de phrases de amor!

— Amor — a palavra mais doce da vida,  
Palavra querida do peito mortal,  
Palavra adorada das virgens no leito,  
Palavra do peito do ente humanal!

Assim eu adoro do mundo a donzella,  
Que mais inda é bella que flôr, de manhã,  
Que julgo orgulhar-se co'a pura neblina,  
Que a côr matutina lhe cobre lousça.

— Mulher, se os encantos de tua belleza  
Te dizem tristeza no peito morar.  
Despreza a minh'alma que segue-te er-  
guida,  
Na azas trazida de um anjo a cantar.

— Oh! não!... tu me offendes assim me  
falia-lo!  
Diz ella, soltando seus prantos de dôr.

— « Não sabes que é triste no peito das  
virgens.  
Sofrer em vertigens as phrases de amor?

« Não sabes que as virgens supportam  
amores  
Guardados nas dores de um puro soffrer.  
Não sabes que tendo teu nome querido  
No peito gelido me faz padecer?

« E's muito innocente, criança formosa,  
Teo rosto uma rosa só pode imitar,  
Teo peito dotado da pura amizade,  
Teo corpo a deidade que devo adorar! »

E, logo estas phrases d'amor terminando  
A virgem, paraado, meu ser contemplou,  
Assim exaltada d'immensos desejos,  
Meu rosto, entre boijos, no seio apertou.

— Mulher, — se os encantos de tua belleza  
Te dizem tristeza no peito morar,  
Despreza a minh'alma, que segue-te er-  
guida,  
Nas azas trazida de um anjo a cantar.

Se os cantos predizem amores tristonhos  
Das virgens os sonhos também relatar;  
Não cantes oh! virgem! que a tua tristeza  
Não deixa a belleza teus labios ornar!

E a virgem, mais bella que a flôr matutina  
Que a própria bonina no lar paternal,  
Soffreu seus martyrios no peito nevado  
Por Deus maltratado no amor conjugal!

Dez dias apenas, no peito amoroso,  
O amor deleitoso da virgem durou!  
E a triste donzella, por mim adorada,  
Na tumba, coitada, tão cedo rolou!...

Agora me vejo perdido no mundo!  
Silencio profundo na vasta amplidão!  
E o môcho lá solta seu pio funereo  
Do seu cemiterio no triste chorão!...

Rio — 1878.

*Avellar Andrade.*

## DEVANEIO

Cansado de viver ha muito eu peço  
Ao Senhor Deus, ao Deus lá das alturas  
Que bem cedo me dê logar humilde  
No frie chão das frias sepulturas.

Eu sei a meu pesar quantos miserias  
Lugubremene o mundo em si encerra,  
E digo ao mar — envolve-me em tuas ondas  
E digo á campã — Embrulha-me na terra.

P'ra que a vida, se a vida é um martyrio  
Luz scintillante que um sopro logo apaga  
Barca sem leme nos vendavaes do norte  
Escolha enorme em que a razão naufraga

Nunca encontrei ventura n'este mundo  
E tanto eu a imploro e rego aos céos,  
Talvez qu'encontre se procura-a um dia  
Na escura treva dos frios mausoléus.

Da desgraça o sopro já matou os sonhos  
Da vidente, esp'rançosa juventude,  
Sonhos, pavor, cantos, vida e esperanças,  
Envolve-os em teu seu seio, oh! athaude.

Rio, Outubro — 1878.

*R. M. dos Santos Junior.*

## A' CAPELLI CAMARANI

As vezes, poeta, o orvalho se inclina  
E beija a bonina nos campos em flor;  
O beijo suave do pallido orvalho  
Parece, poeta, fallar-me de amor!

A nuvem rosada que alastra o horizonte  
E vem sobre o monte pousar qual condor,  
E' beijo suave de ethereos espaços;  
Poeta, são braços que fallão de amor!

O doce couloio de duas florinhas,  
Que bellas rosinhas misturão o odor,  
Tão lindo capricho da linda natura  
Que meiga e tão pura nos falla de amor.

Assim como a nuvem o orvalho e as  
[flores,  
Que fallão de amores no doce calôr,  
Travemos, poeta, de lyra encantada  
E na corda vibrada, fallamos d'amor!

*Cesqueira Lima.*

## ANEDDOTAS

Certo sujeito mui fanfarrão dizia em  
uma sociedade, alto e bom som: — O meu  
ar é tão marcial que até tenho medo de  
mim mesmo, quando me vejo no espelho.

Levantando-se uma horrenda tempes-  
tade, perguntou o capelão de um navio,  
a um dos marinheiros, se elle julgava  
que estivessem em perigo. — Se o vento  
continuar a soprar como agora, respon-  
deu o marujo tranquillamente, antes de  
meia noite estaremos no Céu na presen-  
ça dos bemaventurados, gosando do pre-  
mio de nossas boas acções. — Aterrado o  
capelão, ao ouvir semelhante expressão,  
exclamou com ingenuidade: Oh! ho-  
mem, Deus nos livre disso!

Indo certo embaixador francez á pre-  
sença de Carlos V, não achou onde se  
sentasse porque o Imperador querendo-o  
humilhar tinha mandado tirar da sala  
todas as cadeiras; porém o embaixador  
que conheceu a intenção com que isso se  
fizera, tirou logo uma capa mui rica que  
sobre si levava, enrolou-a fez della um  
assento: acabada a audiência sahio, dei-  
xado-a ficar; e querendo os porteiros  
restituir-l'ha, disse-lhes: — « Não, os  
embaixadores d'el-rei meu amo nunca  
costumam levar consigo as cadeiras de  
que se servem.